



O CLUBE DE
MOCIMBOA DA PRAIA
COMO VEÍCULO DE APROXIMAÇÃO

Há no mundo milhares de milhões de casas. Casas velhas e modernas, modestas e sumptuosas, alegres e tristonhas, choupanas e palácios, casas, enfim de todos os tamanhos e feitios.

Necessidade primária do Homem, o Homem, de tão habituado a vê-las incrustadas na moldura corriqueira do quotidiano, passa por elas e olha-as sem verdadeiramente as "ver", sem as sentir, sem suspeitar que cada uma delas esconde no seu silêncio, na sua quietude, uma história oculta e uma alma própria.

Convidado a colaborar na página civil deste jornal de militares, a implícita intenção de convivência que deste modo se traduz, não me permitiu sustentar a recusa que, abstraída essa condição, a ausência dos méritos necessários à função, perfeitamente justificava e sensatamente aconselhava.

É mister, portanto, cuidar menos das minhas inibições e satisfazer a incumbência; e desejaria fazê-lo, contando-vos a história de uma casa que é muito importante e muito significativa para nós, gente de Mocimboa da Praia, a história de um sonho que há 16 anos se definiu na mente de um punhado de homens, e que uma pequena população de minguados recursos, que olhando àvaramente durante sete longos anos para a arrancada inicial, e construindo lentamente depois, transformou, com amor inextinguível, com perseverança incessante, com genuína e desinteressada boa-vontada, no que é hoje, o

CLUBE DE MOCIMBOA DA PRAIA, que, inacabado embora, está, realizando, com limitações inevitáveis, um pouco da missão que lhe incumbe.

Missão que, no momento actual, consiste, sobretudo, em cooperar, proporcionando-vos a fruição do pouco de que dispõe, sem desse pouco poder ser exigido pois que, "quem dá o que tem, não é mais obrigado", facultando aberto convívio entre as populações civis e militares, de tarefas e responsabilidades diferentes mais coincidentes; desenvolvendo o sentimento do respeito e compreensão mútuas, que estão na base da harmonia social.

Sem distinção de patentes, os militares entram e estão no Clube de Mocimboa da Praia, com tanta naturalidade quanta a dos sócios. Creio mesmo que, muitos entre vós, não se apercebem de que o Clube onde jogam uma partida de bilhar ou de ping-pong onde atentamente se prendem aos lances dos jogos das "damas" dominó ou xadrez, onde de vez enquanto se descontraíam em "explosões" buliçosas, que se compreendem, é uma entidade privada uma casa particular, e isto reflecte quanto a mim, autêntico espírito de colaboração, que é geral, pois que a Direcção que vos franqueia as instalações do Clube, não é mais do que a mandatária dos associados, e estes representam, nesta terra, a população.

Creio que o Clube está certo na franqueza que usa, e deve ser-lhe grato observar a geral compostura dos homens do 1899, que um ou outro desmando esporádico, não invalida. Assim, como lhe deve ser grata a reciprocidade de atitude, consubstanciada na colaboração que um grupo de militares de boa vontade, se prepara para dar à festa do seu aniversário, e na inscrição de vários, como sócios do Clube.

O Clube dá-se assim, e recebe, numa fraterna comunhão, que oxalá perdure, cada vez mais forte e reciprocamente compreensiva.

E a história que eu queria contar, terá que aguardar futura oportunidade, com as histórias das "Mil e uma Noites".